

## Vaidade: o grande inimigo do saber?

*Milene De Stefano Féo* <sup>22</sup>

“Numa disputa, tenho prazer em ser vencido,  
quando quem me vence é a Razão,  
não importa quem seja o seu procurador”.

Fernando Pessoa

Vocês já se perguntaram por que toda mesa redonda em eventos científicos tem um mediador? Um grupo de especialistas ou interessados em uma área específica de conhecimento se reúne e três ou quatro pessoas são convidadas a falar, cada uma por dez ou quinze minutos, expondo ao grupo suas experiências e reflexões. Em princípio, os expositores estão mais capacitados que os participantes da platéia a falar sobre o tema e espera-se que essas falas iniciais estimulem a participação do público. Multiplicam-se, desse modo, as dúvidas, os sentimentos e os pensamentos sobre o assunto em pauta e o grupo parte para uma experiência rica de construções individuais de conhecimento, que se interrelacionam. Cada participante se enriquece de forma singular. Esta parece ser a meta.

Sendo assim, não é curioso que sempre os expositores convidados recebam um copo de água e os da platéia não? Afinal, se o pressuposto é de que todos viemos falar, não sairemos todos, exceto os convidados, com a boca seca? Se entendermos que, em uma mesa redonda, o saber não é propriedade exclusiva dos expositores, caberia ao mediador providenciar a distribuição igualitária... de água, embora tal cuidado não garantisse a participação de todos.

Mas seria função do mediador garantir a participação de todos? Às vezes não temos o que dizer ou preferimos calar-nos. Outras, escolhemos ouvir, aprender, a fim de nos deixarmos envolver pelo saber de outros, aceitando a idéia de que sejam “balançadas” nossas mais preciosas verdades. Silenciar também é sabedoria, assim como respeitar a eventual insegurança deste ou daquele em expor suas idéias.

Ouvi dizer que, em um treinamento para gerentes, dediram a cada um que se levantasse e se apresentasse, dizendo o próprio nome. Um dos participantes, ao chegar sua vez, teria sofrido um infarto. Não sei se isso é lenda ou fato, mas me faz refletir se não caberia aos próprios participantes decidir, sem intervenção externa, se devem ou não falar, e quando. Por outro lado, já

presenciei situações em que as pessoas, ao serem estimuladas a se expressar, parecem descobrir o gosto de contribuir generosamente com o grupo, ganhando a experiência um efeito terapêutico. Acredito ser interessante que um mediador de grupo semeie experiências como essas. Atento aos participantes, este poderá, com certa margem de segurança, identificar os que estão em condições de se beneficiar da oportunidade oferecida.

Mas, e se cada participante decidir que tem muito a contribuir e que necessitaria de pelo menos uma hora para expor suas preciosas idéias? Quem fala primeiro? Quantos adquirem o direito de falar, de que forma e por quanto tempo?

Nem sempre é verdade que todos têm efetiva contribuição a dar, e a idéia de se garantir, democraticamente, a todos, o direito de falar não leva em conta as diferenças individuais dos participantes. A gênese dessas diferenças pode ser injusta, mas não será negando-as que estaremos modificando a situação. Só o que conseguiremos é comprometer a produtividade do encontro. Podemos contar com a sensibilidade e a criatividade humanas e admitir que o grupo, por si, alcançará o desejado equilíbrio, descobrindo maneiras de se organizar de forma a tornar tal encontro produtivo? Ou caberá ao mediador um papel decisivo a esse respeito? Creio que não só alguns elementos do grupo podem ser tomados por um ataque de vaidade, mas o próprio mediador pode ser picado por essa serpente, ingrediente tão genuinamente humano.

Galileu desistiu de provar que o Sol não gira em torno da Terra, por temer a reação violenta de seus contemporâneos. Caberá ao mediador arriscar-se a tocar em feridas históricas tão profundas, desistindo de ser o centro do universo e ainda heroicamente providenciar que as consciências ali presentes aceitem tal verdade?

E eu cheguei a pensar que o papel de mediador fosse fácil! Além disso, o critério de escolha dos expositores em uma mesa redonda raramente é justo aos olhos de todos. O mediador, em geral, se vê inserido em um campo de forças políticas e por vezes desconhece os detalhes da trama. Não raro, ele próprio é alvo de desconfiança por parte do público, e suas intervenções acabam sendo entendidas como de má-fé. Aliás, às vezes são mesmo. O ser humano, além de poder ser tomado por intenções narcísicas, tem necessidade de sair do anonimato, com vistas à sobrevivência econômica. É ingenuidade supor que eventos científicos são espaços dedicados apenas à construção de conhecimento. Forças invisíveis a olho nu circulam e podem transformar um encontro em terreno de batalha que não tem nada a ver com ciência, a não ser a “ciência” da sobrevivência a qualquer custo.

Acredito que cabe ao mediador fortalecer as tendências e atitudes que favorecem a construção do conhecimento e minimizar aquelas que são desfavoráveis. Para isso, ele precisa ter bem claro que seu papel exige o exercício da autoridade (que não se confunde com autoritarismo, embora às vezes...), cabendo-lhe identificar o momento de estimular a fala ou o silêncio dos participantes, sempre observando se suas ações estão de fato beneficiando o grupo ou... a si próprio. Penso ser uma atitude ética não aceitar o papel de mediador quando interesses pessoais estejam em jogo, podendo sobrepor-se aos interesses comuns.

Usar o psicodrama como um dos recursos para interferir nesse campo de forças tem-se mostrado, na minha experiência, produtivo; porém, integrar à função do mediador a de diretor de psicodrama exige uma série de cuidados. Um deles é explicitar, logo no início do evento, a público e expositores, que técnicas psicodramáticas serão utilizadas para facilitar a mediação, desde que o mediador considere que essa linguagem irá favorecer um melhor rendimento grupal. Outro cuidado é o mediador não sobrepor seu eventual desejo de dramatizar a necessidade do grupo, que por vezes alcança seu melhor rendimento utilizando a linguagem verbal. Como todo diretor de psicodrama, o mediador não pode ter modelos, *a priori*, fixos. Quando der curso à direção de alguns episódios psicodramáticos, deverá lançar mão do melhor de sua sensibilidade e experiência para a execução da tarefa.

Essa constatação não impede que o trabalho parta de algumas referências. Uma delas seria considerar a possibilidade de, após a fala de todos os expositores, aquecer o grupo todo para construir uma cena, nos moldes do teatro espontâneo, com inspiração no que se acabou de ouvir. Tal construção psicodramática grupal poderia se desenvolver por trinta minutos, aproximadamente, e em seguida o grupo seria convidado para um debate. Outra sugestão seria o mediador, ao final da fala do primeiro expositor, pedir aos participantes do encontro que se expressassem, muito brevemente, de forma psicodramática, sobre o que acabaram de ouvir. Esse procedimento se repetiria ao final da fala de cada expositor. Após a fala do último expositor, o mediador sugeriria aos participantes que se organizassem em subgrupos. A cada subgrupo seria solicitado que construísse e apresentasse uma imagem-síntese do que mais o tivesse impressionado no conjunto das falas dos expositores. Apresentadas as imagens, seria aberto o debate. Quando o grupo tem até trinta elementos, é possível que todos participem das expressões psicodramáticas, não se consumindo mais de vinte minutos nessa atividade. Quando o grupo é maior, basta reduzir o número de participações individuais intercaladas entre as falas dos expositores. Dessa forma, mais pessoas podem intervir na mesma

tarifa, com o mesmo tempo reduzido para expressar-se, em uma linguagem não tão usual quanto a fala.

Para ilustrar, cito a mesa redonda sobre arte e educação, de que fui mediadora, num congresso dirigido a educadores, no Instituto Sedes Sapientiae (1997). Pedi aos participantes que assumissem o papel de aluno do educador que acabara de expor seu trabalho com crianças deficientes ou hiperativas e formulassem uma frase sobre como sentiam o trabalho daquele professor. Em outro momento, pedi que elaborassem uma breve imagem, com som e ritmo, que sintetizasse a fala de outra colega da mesa, que desenvolvera como tema a música na educação. Quando se esgotou o tempo do terceiro e último expositor, este descrevia uma técnica teatral usada com grupos de adolescentes, e a platéia mostrou-se interessada em conhecer mais sobre essa técnica. Perguntei ao expositor se ele teria condições de fazer uma pequena demonstração, caso lhe fossem concedidos mais cinco minutos. Ele disse que sim. Sugeri então que ele dirigisse o grupo ali presente, a partir das técnicas que descrevia, mas utilizando-as com o fim de auxiliar a todos na expressão do que tinham ouvido e vivido até o momento, naquela mesa redonda. Ele, seus colegas de mesa e o público aceitaram a proposta e assim aconteceu. Ao final dessa apresentação de técnica, foi aberto o debate, extremamente produtivo.

Como coordenadora da comissão científica do II Congresso Ibero-americano, que ocorrerá em abril de 1999, e entusiasmada com os resultados da “mediação psicodramática” que pude experimentar com esse grupo de educadores, sugeri à minha equipe de trabalho que inseríssemos a modalidade “Grupo de Discussão Dramatizada” como possibilidade para os expositores que quisessem experimentar essa forma de se trabalhar em mesas redondas. Concordaram. Assim, mantivemos a modalidade “Temas em Debate”, em que um *âncora*, dois debatedores e o público discutem um tema polêmico do psicodrama, mas incluímos também essa nova modalidade, definida, em linhas gerais, como segue: dois expositores fazem uma apresentação teórica sobre um tema polêmico do psicodrama e, em seguida, um psicodramatista ou uma dupla de psicodramatistas propõem, a público e expositores, caminhos que viabilizem a expressão dramática do grupo, em relação ao tema abordado.

No momento em que redijo este texto, o Congresso Ibero-americano ainda está por acontecer, mas já tenho em mãos muitas inscrições de expositores nessa modalidade, o que me deixa muito satisfeita. Teremos, todos nós, psicodramatistas, a possibilidade de experimentar e testar esse recurso de gerar saber. Enquanto aguardo esse grande evento, venho fazendo experiências que me permitem observar que a utilização de alguns recursos psicodramáticos em mesas redondas promove,

entre os elementos do grupo, a platéia e os expositores, o fortalecimento da aliança de trabalho, com foco na aprendizagem e no desenvolvimento científico. A ansiedade no grupo tende a se atenuar. As falas de cada um iniciam-se fazendo referência às imagens ou às inversões de papel que melhor problematizaram o tema em questão, ou antes, que melhor responderam a ele.

Essas intervenções parecem aquecer o grupo para o mergulho na expansão do conhecimento. Depoimentos que não favorecem o alcance dessa meta tendem a ser mais brandos e, quando presentes, mais suscetíveis ao silêncio, diante das intervenções do mediador ou mesmo da platéia. Vários fatores conduzem a esse resultado. Um deles é a possibilidade de todos, ou pelo menos muitos dos participantes, terem um espaço garantido de expressão, permitindo que a maioria experiente saia do anonimato, deixando sua marca singular no grupo. O controle do tempo das expressões psicodramáticas da platéia aquece o mediador para que este assumira seu papel, bem como aquece o público, no sentido de que este aceite a autoridade no momento exercida pelo mediador. Com isso, os participantes do encontro podem identificar, com mais clareza, que pessoas gostariam de ouvir e que questões gostariam de aprofundar, na etapa do debate.

A manifestação da platéia, imediatamente após a fala de cada expositor, favorece que tanto este como cada elemento do grupo tenha um feedback do efeito das falas no grupo todo. Isso permite que todos desenvolvam uma atividade reflexiva consistente, já desde o início interrelacionada com as reflexões dos colegas do grupo. A experiência de ser ouvido e observado, seguida de escuta e observação dos colegas, tendo por consequência um pensar individual enriquecido, parece incentivar o grupo a manter essa linha de conduta no debate subsequente às apresentações dos expositores. Além disso, a criação e a dramatização de um enredo estimulado pelas falas de todos os expositores favorecem que a atenção do grupo, no debate, se volte para os temas relevantes que de fato marcaram a platéia, já que terão reaparecido na dramatização. Dessa forma, para dar apenas um exemplo, a relevância dos temas não precisa estar necessariamente pendente da pessoa do expositor, o que torna mais fácil transitar pelas fivergências de idéias e não mais entre pessoas.

Em suma, na minha experiência, o espaço socializado e garantido para a expressão lúdica e estética costuma fortalecer as tendências para a construção e a criação. Mantemos, todos nós, os nossos ingredientes humanos, sejam eles os mais primitivos ou os mais evoluídos, mas nossa tendência à horda primitiva cede lugar ao prazer de entrar em relação, aprendendo e ensinando.

E viva Galileu!

**Resumo**

A interferência da vaidade humana no processo de construção do conhecimento, em eventos científicos. O papel do “âncora” ou mediador e suas diversas formas de atuação. A utilização de recursos psicodramáticos como estímulo à participação do grupo.

**Palavras-chave:** Mesa redonda, vaidade, individualismo, ação coletiva, psicodrama.

**Abstract**

The interference of human vanity in the process of knowledge construction, in scientific events. The “anchor” or mediator functions, and his/her several forms of action. The use of psychodramatic resources as incentive to group participation.

**Key words:** Panel, vanity, individualism, collective action, psychodrama.